

ATUAL

■ Pesca da sardinha suspensa até final do ano deixa armadores do distrito à míngua

Armadores do cerco da região vivem pior período dos últimos 30 anos

A suspensão da captura de sardinha, até ao final do ano, pode levar o sector da pesca do cerco da região a atravessar um dos períodos mais difíceis dos últimos 30 anos. A Sesibal afirma que já há fome e barcos à venda.

Marta David

O Marine Stewardship Council (MSC) anunciou a suspensão do certificado MSC de pesca sustentável da sardinha de cerco portuguesa, desde o passado dia 19 de Setembro e até ao final do ano, como resultado da quarta auditoria de supervisão realizada pela empresa Intertek Fisheries Certification (IFC).

Em causa está o não cumprimento dos requisitos mínimos do chamado princípio um do Padrão de Normas do MSC – o Estado da Unidade Populacional de Peixes, um princípio que exige que a atividade pesqueira se encontre a um nível de sustentabilidade para as populações da espécie explorada, neste caso, a sardinha.

A decisão, tornada pública através de uma portaria governamental, apanhou os armadores de surpresa uma vez que, segundo Ricardo Santos, da Sesibal, «alguns barcos já estavam prontos para se fazer ao mar quando souberam que não o poderiam fazer devido à proibição». Uma situação que reforça a ideia de «falta de diálogo entre a tutela e o sector». A portaria



4200 toneladas de pescado nas quatro lotas do distrito

Antes de ser imposta a proibição da pesca da sardinha, as lotas da região, Sesimbra, Setúbal, Sines e Costa da Caparica transacionaram perto de 4200 toneladas desta espécie. Um valor abaixo daquilo que é normal para a região. Ricardo Santos diz ao Semmais que, normalmente os catorze barcos registados capturam «mais de sete mil toneladas, por ano, sem restrições». E, prossegue, «só não capturam mais por opção, por não haver mercado para mais».

Por isso, explica, «é preciso perceber porque é que não há sardinha se hoje se pesca menos do que se pescava há uns anos. É preciso que se façam estudos sérios sobre os motivos que levaram ao desaparecimento do plâncton com que as sardinhas se alimentam».

Embora os estudos não estejam feitos, o líder da Sesibal acredita conhecer as causas que levam à quebra de stocks e aponta o dedo à falta de proteção das maternidades do Sado, com a entrada de grandes navios que «baralham» as condições do estuário e impedem a presença de espécies juvenis.

ria deu pouco mais de doze horas aos armadores para se adaptarem à proibição.

As catorze embarcações registadas na Sesibal para a pesca do

cerco empregam aproximadamente 240 homens que ficam agora sem trabalho até ao final do ano. Para muitos armadores, as capturas alternativas de cavala e ca-

rapau não compensam a saída dos barcos. «O carapau manteiga, de grande qualidade, acaba oferecido ao Banco Alimentar Contra a Fome e a outras IPSS's», explica Ricardo Santos.

A verdade é que não há compradores para o carapau, em lota, e o valor médio que atinge não ultrapassa os 60 centimos por quilo. O mesmo acontece com a cavala. As capturas de cavala, na última semana, foram de perto de 875 toneladas transacionadas nas lotas de Setúbal, Sesimbra e Sines, a menos de 20 centimos o quilo. «Se há 30 anos, com o combustível a 20 escudos não conseguíamos fazer para as despesas, imagine-se agora com o gasóleo a um euro», desabafa o responsável que assegura que este é «o pior período das últimas três décadas».

Entretanto, o Ministério da Agricultura e do Mar garantiu um fundo de compensação de seis milhões de euros, co-financiado pela União Europeia, para as embarcações de pesca de sardinha que estejam paradas durante um mês, no mínimo, e três meses, no máximo. Os subsídios a fundo perdido serão pagos ao armador da embarcação, em função da dimensão da embarcação, e uma compensação salarial aos tripulantes, em que os pescadores vão receber 20 euros por dia. Para Ricardo Santos é essencial que essa compensação seja entregue aos pescadores o quanto antes para fazer face às despesas do dia-a-dia das famílias e acudir às necessidades do sector. No entanto, essas verbas só serão pagas ao final de 40 dias, uma vez que é necessária uma declaração da capitania que comprove que a embarcação esteve parada mais de 30 dias. ■

Chineses interessados no terminal do Barreiro e na marina do Tejo

VENCEDOR da corrida à privatização da seguradora Fidelidade e atualmente entre os candidatos à compra da Espírito Santo Saúde, o grupo chinês Fosun pretende alargar os seus investimentos em Portugal ao sector portuário, através da exploração do futuro terminal de contentores do Barreiro e futura marina do Tejo (ver pág.2)

A notícia foi avançada pelo Jornal de Negócios, acrescentando que o grupo chinês já terá, inclusivamente, manifestado junto da Administração do Porto de Lisboa o seu interesse nos projetos da futura marina do Tejo, assim do terminal de contentores que deverá vir a ser construído no Barreiro. ■

Bote revestido com 20 mil pioneses homenageia gentes do mar

UM BOTE, revestido com 20 mil pioneses e decorado com material reciclado e trabalhado por utentes de instituições para seniores, é a mais recente peça apresentada em Setúbal, no âmbito do «Arte em Toda a Parte».

«Ouro sobre Azul» é o título da obra que a artista plástica Teresa Melo apresentou quinta-feira no Mercado do Livramento, através de uma ação integrada naquele projeto, denominada «Art Boat».

O bote, uma homenagem aos marítimos de Setúbal, fica patente naquela praça até à inauguração do Alegro, espaço com abertura ao público prevista para 12 de novembro e que receberá esta e outras obras de artes criadas no âmbito do projeto «Arte em Toda a Parte». ■

Sargedas apresentou em Sesimbra um Espichel desconhecido

O CABO Espichel mostrou-se ao público de uma forma nunca visto, num documentário intitulado «Cabo Espichel – Em terras de um mundo perdido», que teve ante-estreia a 24 de setembro e levou muito público ao Cine-teatro João Mota, em Sesimbra.

A história, a religião, a natureza, a geografia, arqueologia, etnografia, o mar e outros aspetos de contornos míticos são a base de abordagem do filme, da autoria de Carlos Sargedas. «Foi um grande êxito e temos material suficiente para fazer um documentário de cada um dos 14 temas abordados neste

filme. E foi esse o sentimento final, de querermos mais», confessou o diretor do projeto ao Semmais.

De realçar que este documentário é também um protesto público iniciado por ocasião das comemorações dos 600 anos do Cabo Espichel, em 2010, com o objetivo de mostrar o património que o Estado português «está a deixar morrer», como sublinha Sargedas, também fotógrafo profissional.

O presidente da Câmara de Sesimbra, Augusto Pólvora, realçou, em jeito de balanço, o trabalho que já foi feito e o empenho da autar-



■ Edil de Sesimbra esteve presente

quia no apoio a projetos como este «na luta, defesa e valorização do Cabo Espichel».

São cerca de 55 minutos repletos de emoção. Voltamos ao tempo dos dinossauros, às batalhas navais, às peregrinações e à fé que movimenta ainda muitos crentes em torno da Nossa Senhora do Cabo.

Mas o filme faz-nos embarcar ainda noutras viagens que nos levam ao fundo do mar, às grutas e rios subterrâneos, a um património que por si só conta a história do mundo em cada detalhe das suas escarpas e que se precipitam

sobre um mar infinito.

O Cabo é um lugar para sonhar, mas ainda por descobrir e a indústria do cinema tem vindo a fazer esta descoberta. O filme «Casa dos Espíritos», entre outros, é o mais emblemático com cenas realizadas neste lugar.

A mensagem que fica é que todos nos devemos unir e lutar pela valorização deste Cabo. Que estas terras de um mundo perdido sejam alvo de uma intervenção que as valorize e preserve. ■